

Dicastério para a Evangelização
Secção para as questões fundamentais da evangelização no mundo

DOMINGO da PALAVRA de DEUS

SUBSÍDIO LITÚRGICO-PASTORAL 2023





Anunciadores da Palavra!

«Nós vos anunciamos o que vimos»

(1Jo 1, 3)

Um agradecimento especial a:

Prof.^a Cecilia Caiazza, *Ordem das virgens*
Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação, Auxilium, Roma

Prof.^a Rebeca Cabrera Piñango
Universidade Católica Andrés Bello de Caracas, Venezuela

S. Ex.^a Rev.^{ma} D. Ramón Salazar Estrada
Bispo auxiliar da Arquidiocese de Guadalajara, México

Rev. P. Francesco Giosuè Voltaggio
Reitor, Seminario Redemptoris Mater di Galilea, Israel

Rev. P. Andrzej S. Wodka, *CSSR*
*Presidente da Agência da Santa Sé para a Avaliação e a
Promoção da Qualidade das Universidades e Faculdades Eclesiásticas*

Índice geral

Apresentação	5
Considerações práticas	6
A Palavra de Deus EM COMUNIDADE	7
1. Palavra acolhida com o coração	8
2. Adoração Bíblica	11
3. Propostas pastorais:	16
· Entronização da Palavra na Santa Missa	16
· Traz a Bíblia para a Igreja	19
· Grupos de aprofundamento sobre a <i>Dei Verbum</i>	20
· Um marcador de livro	20
· Entregar citações bíblicas	20
· Leitura contínua	20
· Exposições bíblicas	20
A Palavra de Deus EM FAMÍLIA	21
1. Palavra partilhada em família	22
2. Experiência da transmissão da Palavra de Deus aos filhos	25
3. Propostas pastorais:	26
· Celebração de entrega da Palavra aos filhos	26
· Lectio Divina em família	30
A Palavra de Deus NA VIDA QUOTIDIANA	34
1. Palavra vivida com coragem	35
2. Exame de consciência bíblico	36
3. Propostas pastorais:	37
· Traz a Palavra sempre contigo no teu telemóvel	38
· Já leste toda a Bíblia?	38
· Visitar uma Igreja	38
· A Palavra de Deus para crianças	39
Apêndice: ANUNCIADORES DA PALAVRA!	41
1. Anuncia aquilo que viste!	41
2. O Logo para o Domingo da Palavra de Deus	44

Apresentação

A Primeira Carta que João escreve à Igreja está de tal forma impregnada do tema do amor que dificilmente se consegue desviar o olhar deste centro. O ágape é omnipresente porque o autor sagrado deve chegar a revelar o seu cume: “Deus é amor” (1Jo 4,8). Em virtude desta preeminência e prioridade do amor compreende-se porque é que o início da Carta se abre com o convite ao anúncio. Como diziam os antigos: *amor est diffusivum sui*, o amor, pela sua própria natureza, deve expandir-se, ser comunicado, participado, porque é a premissa necessária para a comunhão. Compreende-se, portanto, porque é que o próximo *Domingo da Palavra de Deus* pretende colocar-se à luz do anúncio daquilo que se viu e ouviu.

O anúncio daquilo que foi objeto de experiência direta e vivida em primeira pessoa torna-se agora participado para que se torne visível a comunhão que traz alegria. Anunciar o que se viu não é mais que dar a conhecer a pessoa de Jesus e o mistério da sua permanente presença no meio de nós. João recorre imediatamente aos sentidos, bem consciente que a fé não é uma abstração, mas um evento pessoal que muda a vida. Tudo o que foi “ouvido”, “visto”, “contemplado” e “tocado” não é outra coisa que a “vida”. Conceitos de tal forma interligados que se torna impossível qualquer divisão. Estamos diante de uma coisa só, unitária, que favorece uma visão global do mistério que, sobretudo nos nossos dias, deve ser contemplado, mais que dissecado.

O caráter evangelizador que este *Domingo da Palavra de Deus* possui torna-se em cada ano mais tangível e a expressão joanina pretende reforçar o compromisso das comunidades de colocar no coração do Dia do Senhor a sua Palavra viva e eficaz. No domingo, os cristãos não fazem outra coisa que celebrar o mistério da salvação. A “vida eterna” que é celebrada, e por isso anunciada eficazmente, não faz outra coisa que tornar presente no meio da comunidade e no mundo a pessoa de Jesus Cristo, a Palavra eterna do Pai que procura encontrar lugar na vida pessoal de cada um. Ainda assim, anunciar Cristo Ressuscitado remete inevitavelmente para o futuro, para o seu retorno definitivo, no qual a comunhão será perfeita.

Anunciar o que foi visto e ouvido, portanto, faz com que o crente esqueça todo o cansaço, porque o compromisso da fé exige uma “corrida” a cada pessoa que, como o etíope, tem nas suas mãos a Sagrada Escritura, mas não compreende o seu significado (cf. Act 8, 26-40). O anúncio da Palavra de Deus, como notamos, requer o envolvimento direto de cada crente. Todos devem estar atentos e vigilantes para perceberem a “manifestação” desta Palavra, porque está em jogo o significado da própria vida. No caminho que o Papa Francisco pede que toda a Igreja percorra rumo ao Jubileu de 2025, o *Domingo da Palavra de Deus* torna-se uma etapa decisiva. O estudo e a reflexão sobre os vários temas da constituição *Dei Verbum* serão uma riqueza para conhecer mais profundamente a revelação da Palavra de Deus. A esperança que brota desta Palavra, de facto, provoca cada comunidade não só a proclamar a fé de sempre, mas sobretudo a comunicá-la com a convicção de que esta traz esperança a todos os que a escutam e a acolhem com um coração simples.

Considerações práticas

Para viver ativamente o *Domingo da Palavra de Deus* sugerimos que esta seja preparada com tempo. É importante que os preparativos se estendam do nível espiritual (oração pessoal e comunitária) ao material (adequada programação).

Preparação espiritual

Para favorecer o encontro com Deus na sua Palavra é necessária uma adequada preparação espiritual, pedindo a abertura do coração para aqueles a quem será proclamada a Palavra. Consequentemente, os preparativos para programar a iniciativa requerem que estes partam da oração individual e comunitária.

Sugestões:

- Uma semana antes do *Domingo da Palavra de Deus*, incluir na oração dos fiéis uma intenção dedicada a este fim.
- Prever na comunidade um momento de Adoração ao Santíssimo Sacramento, que será oferecido pela celebração do *Domingo da Palavra de Deus*.

Preparações práticas

Para uma adequada programação, sugere-se a criação de um grupo de pessoas que possa coordenar as diversas iniciativas pastorais. As tarefas deste grupo poderiam ser:

- Programar as diversas iniciativas (para diversas faixas etárias)
- Escolher outras pessoas adequadas para a execução prática do programa
- Prever e estimar eventuais despesas
- Preparar o material necessário
- Divulgar as informações junto dos sacerdotes. Sem dúvida que os convites pessoais são o modo mais direto para informar as pessoas; podem usar-se também folhetos e brochuras e facilmente distribuí-los às pessoas e afixá-los nas vitrines da paróquia; podem usar-se também os meios de comunicação social para difundir as atividades programadas
- Chegar às pessoas em dificuldade (doentes, lares, hospitais, prisões, instituições de caridade, etc.)

Perspetivas para o futuro

Sabemos bem que escutar, partilhar, viver e anunciar a palavra de Deus não é tarefa de um único dia, mas de toda a nossa vida. A Palavra de Deus não cessa de operar nos nossos corações, portanto poderia ser uma ajuda criar um grupo permanente para promover diversas iniciativas bíblicas durante o ano e oferecer uma oportunidade de formação permanente dos fiéis. Por exemplo:

- *Lectio divina* semanal ou mensal
- Grupo bíblico
- *Lectio* continua de um texto bíblico
- Entrega da Palavra em âmbitos diversos
- Momentos formativos ou culturais de aprofundamento

A PALAVRA DE DEUS NA COMUNIDADE

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo de Cristo, não deixando jamais, sobretudo na sagrada liturgia, de nutrir-se do pão da vida, quer da mesa da Palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo, e distribui-lo aos fiéis.

(Dei Verbum, 21)

1. Palavra acolhida com o coração «Escuta, Israel!» (Dt 6,4)

«Escuta, Israel!», em hebraico *Shemà, Israèl* (Dt 6,4): este é o mandamento fundamental, o coração da fé judaica e cristã, que ressoava no Monte Sinai (Ex 19,5; Dt 4,1-10). O Deus invisível estabelece um diálogo vivo com os homens, ouve o seu grito (Ex 3,7; Sl 34,18; 1Jo 5,14) e faz-se ouvir por eles. Na sua Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Francisco diz: «Entre os cinco sentidos, parece que Deus privilegia precisamente o ouvido, talvez por ser menos invasivo, mais discreto do que a vista, e, portanto, deixa o ser humano mais livre». Na Bíblia hebraica, as letras finais da primeira palavra (*shemà*, “escuta!”) e da última (*’ehàd*, “único”) em Dt 6,4 estão escritas em caracteres maiores; quando unidas, formam a palavra *’ed*, “testemunha”: Israel é o povo do *Shemà*, testemunha – até à morte, se necessário – do Deus único. Na tradição hebraica, o *Shemà* constitui o fulcro da oração e equivale a tomar sobre si o “jugo” do Reino dos Céus; Jesus Cristo, que veio para cumprir a *Torá* (“Lei”, Mt 5,17), indica-o como o primeiro mandamento: «O primeiro é: *Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças*» (Mc 12,29-30).



No AT, a aliança entre Deus e o seu povo baseia-se na escuta, gratuita sim, mas que procura adesão e obediência (Ex 24,7; Dt 4,1, 32-36; 28,1-15). No hebraico bíblico, “obedecer” exprime-se com o mesmo verbo (*shamà*) que também significa “escutar”. Isto mostra a profunda ligação entre escutar e obedecer: estes valem mais do que o sacrifício (1 Sm 15,22; Jer 7,22-23). Portanto, Salomão pede a Deus o grande dom de um «coração dócil», literalmente um «coração que escuta» (em hebraico *lev shomèa*, 1 Reis 3,9). Os profetas e a Sabedoria convidam constantemente o povo a ouvir a Palavra e repreendem-no pela sua recusa em acolhê-la (cf., por exemplo, Is 6,9-11; 30,9; Jer 6,10; Bar 3,9; Zac 7,11-12; Pr 1; 8,32-34).

As duas figuras do AT que têm a experiência mais próxima de Deus são Moisés e Elias, ambos, não por acaso, no Monte Sinai. Embora não podendo ver Deus, eles experimentam o poder da sua Palavra. O primeiro ouve-a entre sinais portentosos e a voz de uma trombeta (Ex 19,16-19; 33,18-34,8), o segundo reconhece-a no «sussurro de uma brisa suave» (1 Reis 19,12-13) ou, como o hebreu lê literalmente, numa «voz de silêncio

subtil». No Monte da Transfiguração, Moisés e Elias aparecem ao lado de Jesus enquanto uma voz do céu proclama: «Este é o meu Filho, o Amado: *escutai-o!*» (Mc 9,7; cf. Mt 17,5; Lc 9,35; Dt 18,15-19). Cristo cumpre assim a palavra do *Shemà*: ele é o *Lògos* eterno e poderoso de Deus, e ao mesmo tempo a Voz do silêncio manifestada na escuridão da Cruz, que, no entanto, é a suprema revelação da eloquência e da glória de Deus.



Acolher a Palavra, porém, é impossível sem a graça (Jo 8,47; 10,27). Portanto, Deus abre o ouvido do seu servo (Is 50,5) e na era messiânica devolve a audição aos surdos (Is 29,18; 35,5; Mc 7,31-37). Jesus é o Filho amado que o Pai escuta (Jo 11,42) e envia ao mundo para que este o escute: aquele que ouve as suas palavras e as põe em prática é «como um homem sábio, que construiu a sua casa sobre a rocha» (Mt 7,24). Escutar Cristo, portanto, leva à vida eterna (Mc 4,20; Jo 5,24-25; Tg 1,22-25) e à felicidade (Lc 11,28; Ap 1,3), mas rejeitá-lo leva à ruína (Jo 8,43-47; Act 7,51-57; 28,25-28). Compreende-se assim porque é que a parábola do sementeiro (Mt 13,1-23 e par.), toda baseada no *Shemà*, é para Jesus tão basilar: sem ela não se pode compreender as outras parábolas (Mc 4,13), uma vez que se centra em *como* escutar (Lc 8,18). Neste sentido, Maria de Betânia escolhe a «melhor parte», que consiste em colocar-se aos pés de Jesus e escutar a sua Palavra, pois «uma só coisa é necessária» (Lc 10,42), expressão que também se pode ser traduzir do grego como: «um só é necessário», que é ainda uma referência ao *Shemà*, ao mandamento de escutar o único Esposo, Cristo.

A fé que dá salvação vem da escuta do *kèrygma* (Rm 10,14-17; Act 15,7) – o anúncio de Cristo e do Seu Mistério Pascal – selado nos Sacramentos, *in primis* no Batismo. A Igreja é, portanto, povo em constante escuta da Palavra divina:

Pastai lá para pastardes de modo seguro. O que escutardes lá, vos seja bem gostoso; o que for estranho, rejeitai-o. Para que não andeis errantes no nevoeiro,

escutai a voz do Pastor. Recolhei-vos nos montes das Sagradas Escrituras. Aí estão as delícias do vosso coração, aí nada há de venenoso, nada de estranho: são pastagens inesgotáveis. (Agostinho, *Sermões* 46,24)

A Escritura, que somos sempre chamados a escrutinar (Jo 5,39), foi-nos confiada não só para ser lida e meditada pessoalmente, mas sobretudo proclamada e celebrada na assembleia litúrgica, o seu *locus* privilegiado. De facto, ela “ganha vida” numa assembleia que a escuta, celebra e encarna, pelo poder do Espírito Santo, pois na liturgia «Deus fala ao seu povo e Cristo anuncia ainda o seu Evangelho» (SC 33). Assim, a Igreja-Esposa, comunidade em perene escuta do seu Esposo, pode anunciar o Evangelho a todo o mundo para que todos possam ouvi-lo e ser salvos (Act 28,28; 1 Jo 1,1-3; Ap 2,7).

Ainda hoje, Deus fala ao homem: ouvir a sua voz no hoje da liturgia e da história é o único caminho para não endurecer o coração (Sl 95,8). Este caminho cumpriu-se na Santa Virgem Maria: acolhendo a semente do “*kèrygmá*”, o anúncio do anjo, ela concebeu no seu seio o maior fruto, Cristo; guardando a Palavra (cf. Lc 2,19.51), ela cumpre a realidade da arca da aliança que continha as Dez Palavras (Dt 10,1-5; Heb 9,4) e tornou-se assim a nova arca da aliança, o ícone de cada crente que acolhe a Palavra no seu coração.

2. Adoração Bíblica

«*Nós vos anunciamos o que vimos*» (1Jo 1, 3)

Exposição do Santíssimo Sacramento

O presente texto é uma proposta que deverá ser sucessivamente concretizada e enculturada, segundo as tradições locais.

Reunidos os fiéis e iniciado um cântico, o ministro aproxima-se do local do Sacrário. Traz o Santíssimo Sacramento e coloca-o na custódia. De joelhos, o ministro incensa o Santíssimo Sacramento.

C./ Senhor, contemplamos a tua presença real neste Santíssimo Sacramento e agradecemos-te por nos teres chamado a estar aqui diante de Ti. Reunimo-nos confiados em Ti e na tua Palavra. Prepara a nossa mente e o nosso coração para receber as graças que preparaste para nós neste momento. Faz que tenhamos consciência em cada momento de estar diante de Ti e do teu infinito amor. Abre a nossa compreensão e a nossa vontade para receber a tua Palavra e anunciá-la com a nossa vida.

C./ Graças e louvores se deem a cada momento.

R./ Ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.

«E o Verbo fez-se carne e veio habitar no meio de nós; e nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade». (Jo 1,14)

Pai nosso, Ave Maria, Glória...



C./ Graças e louvores se deem a cada momento.

R./ Ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.

«Disseram, então, um ao outro: “Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”». (Lc 24,32)

Pai nosso, Ave Maria, Glória...

C./ Graças e louvores se deem a cada momento.

R./ Ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.

«Ide, pois, e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos». (Mt 28,19-20)

Pai nosso, Ave Maria, Glória...

L./ Escutemos e acolhamos a Palavra de Deus, sempre viva e eficaz. Deixemos que ressoe dentro de nós e ilumine as nossas vidas.

Aclamação ao Evangelho

Aleluia, aleluia.

«E eis uma voz das nuvens que dizia: “Este é o meu Filho, o amado: nele pus todo o meu agrado. Escutai-o”».

Aleluia.

Do Evangelho segundo são Lucas (24,35-48)

Naquele tempo, os discípulos de Emaús contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir do pão. Enquanto diziam isto, Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco». Espantados e cheios de medo, julgavam ver um espírito. Disse-lhes Jesus: «Porque estais perturbados e porque se levantam esses pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho». Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E como eles, na sua alegria e admiração, não queriam ainda acreditar, perguntou-lhes: «Tendes aí alguma coisa para comer?» Deram-Lhe uma posta de peixe assado, que Ele tomou e começou a comer diante deles. Depois disse-lhes: «Foram estas as palavras que vos dirigi, quando ainda estava convosco: ‘Tem de se cumprir tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’». Abriu-lhes então o entendimento para compreenderem as Escrituras e disse-lhes: «Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de todas estas coisas».

Reflexão guiada:

L./ No âmbito do *Domingo da Palavra de Deus* celebramos este momento de adoração, que este ano se inspira no texto: «Anuncio-vos aquilo que nós vimos» (1Jo 1, 3). Diante de Jesus Eucaristia reflitamos:

1. Quantas palavras e quantas ações de Jesus os apóstolos puderam ouvir e ver! Muitas delas foram registadas nos Evangelhos, nos quais podemos contemplar Jesus através da sua Palavra. Jesus continua a falar-nos e continua a agir na nossa vida.
2. Se os apóstolos puderam ver e ouvir Jesus, é porque Ele próprio permitiu ser visto e ouvido, ou seja, revelou-se e continua a fazê-lo para nós no nosso tempo.
3. Jesus, por amor a nós, entrou na nossa realidade material, encarnou para que pudéssemos vê-lo, tocá-lo, escutá-lo, senti-lo e segui-lo.
4. «Jesus passou fazendo o bem e curando todos», passou por este mundo e cumpriu-o fazendo e anunciando o bem. Tudo n'Ele é um recurso para exprimir o Seu amor.
5. Jesus encarnou e, assim, com o seu corpo, Ele viu, ouviu, falou, sentiu.... O seu olhar é profundo e capaz de abraçar e conhecer o presente, a história e os desejos daqueles que Ele olha. Ele olha com compaixão, misericórdia, sem indiferença: não seria possível para Ele ver alguém sofrer e virar as costas. O seu falar é sempre com amor e autoridade transformadora: «diz apenas uma palavra», como dizia o centurião romano. Apenas uma! Ele teve uma palavra para Levi naquela mesa; uma para Zaqueu naquele sicómoro; uma para Pedro, Tiago e João junto ao mar; uma para Maria fora do sepulcro... Ele tem também uma para nós. O seu estar presente: Jesus fica connosco e fá-lo dando-se a si próprio.

Silêncio orante

Cântico

Oração comunitária

L./ Tu que foste contemplado pelos pastores e pelos magos em Belém...

R./ Faz que eu te descubra na minha vida, Senhor. (cf. Mt 2,11)

L./ Tu que mostraste a tua Glória no Tabor...

R./ Faz-me regozijar com as alegrias de cada dia, Senhor. (cf. Mt 17,1s)

L./ Tu que chamaste os teus discípulos junto ao lago...

R./ Faz que também eu escute a tua chamada, Senhor. (cf. Mt 4,18-22)

L./ Tu que viste a criatividade de Zaqueu...

R./ Faz que eu te ofereça os meus esforços, Senhor. (cf. Lc 19,1s)

L./ Tu que, tocando os surdos, lhes mostraste a tua proximidade...

R./ Faz que eu acolha a tua Palavra. (cf. Mc 7,33)

L./ Tu que mudaste o horizonte da vida de Mateus...

R./ Enche de sentido a minha vida, Senhor. (cf. Mt 9, 9-13)

L./ Tu que, voltando-te para Lázaro, o trouxeste de volta à vida...

R./ Encoraja o meu fervor e desejo de santidade, Senhor. (cf. Jo 11,1s)

L./ Tu que, explicando as escrituras aos teus discípulos ao longo do caminho, transformaste a sua tristeza em alegria...

R./ Acende em nós o amor pela tua Palavra e a certeza da tua presença. (cf. Lc 24,13-35)

Canto

Oração pessoal

Neste momento, poderia dar-se aos fiéis uma citação bíblica impressa, para facilitar a oração pessoal. Pode também tocar-se música sacra instrumental.

Sugestões para as citações bíblicas:

- «Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo» (Mt 2,2). Qual é “a estrela” que me fez vir adorá-lo?
- «Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe...» (Mt 2,11). Em que momentos senti que a Mãe me levou ao seu Filho?
- «Jesus levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa...”» (Lc 19,5). Em que circunstâncias sinto que o Senhor me chama pelo nome e me pede que me converta?
- «Tomando-lhe a mão, disse: “Talitha qûm!”, isto é, “Menina, sou Eu que te digo: levanta-te!”» (Mc 5,41). De que situações preciso que o Senhor me “levante”?
- «Chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-me de beber”» (Jo 4,7). Senhor, Tu quiseste que ela te desse água. O que me estás a pedir a mim?
- «Jesus tomou, então, os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e dava-os aos seus discípulos, para que eles os repartissem» (Mc 6,41). O que posso partilhar com os outros?
- «Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar....» (Mt 14,25). Em que momentos turbulentos experimentei que o Senhor veio ter comigo?
- «O Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”» (1Cor 11,23-24). Como é a minha participação na santa missa? Reconheço verdadeiramente a Santa Eucaristia como o Seu Corpo e o Seu Sangue?
- «Dito isto, cuspiu no chão, fez lama com a saliva e ungiu os olhos do cego com a lama» (Jo 9,6). Com que sinais concretos Jesus tocou a minha história?
- «Depois, disse a Tomé: “Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas fiel!”» (Jo 20,27). Em que momentos descubro que Deus me deu sinais do seu amor e da sua proximidade para reforçar a minha fé?

Pai nosso

C./ Damos-Te graças, Senhor, porque estás sempre perto de nós, especialmente na Eucaristia e na tua Palavra. Queremos voltarmo-nos em cada momento para Ti, Palavra

de Vida Eterna, acolher-Te com fé e simplicidade, partilhar-Te aos outros com entusiasmo, viver a tua Palavra na quotidianidade e anunciar-te com coragem. Com a confiança de filhos e com as tuas próprias palavras, usemos dizer: *Pai nosso...*

Bênção

No final da adoração, o sacerdote e o diácono aproximam-se do altar; canta-se *Tantum ergo* ou outro cântico apropriado. Entretanto, o ministro ajoelha-se e incensa o Santíssimo Sacramento. Depois levanta-se e diz:

Oremos:

Senhor Jesus Cristo,
que no admirável sacramento da Eucaristia
nos deixaste o memorial da tua Páscoa,
faz que adoremos com fé viva
o santo mistério do teu corpo e do teu sangue,
para sentirmos sempre em nós os benefícios da redenção.
Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos.

R./ *Ámen.*

Dita a oração, o sacerdote ou o diácono veste o véu de ombros e, pegando na custódia ou na píxide, faz o sinal da cruz com o Santíssimo, em silêncio.

Aclamações

Se for oportuno, após a bênção eucarística, podem dizer-se, segundo os costumes locais, as seguintes aclamações:

Bendito seja Deus!
Bendito o seu Santo Nome!
Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem!
Bendito o Nome de Jesus!
Bendito o seu Sacratíssimo Coração!
Bendito o seu Preciosíssimo Sangue!
Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar!
Bendito o Espírito Santo Paráclito!
Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima!
Bendita a sua Santa e Imaculada Conceição!
Bendita a sua gloriosa Assunção!
Bendito o nome de Maria, Virgem e Mãe!
Bendito S. José, seu castíssimo esposo!
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos!

Reposição

Terminada a bênção, o sacerdote ou o diácono que deu a bênção repõe o Santíssimo no sacrário e faz a genuflexão.

3. Propostas pastorais

Em seguida apresentamos uma série de sugestões para viver em comunidade o *Domingo da Palavra de Deus*.

Entronização da Palavra na Santa Missa

Propomos agora algumas sugestões litúrgicas para a Celebração da Santa Missa e, à discricção do Bispo local e do Pároco, podem ser introduzidos outros gestos que sublinhem a importância da Palavra de Deus na comunidade celebrante – em conformidade, naturalmente, com as indicações litúrgicas vigentes relativas à celebração da Eucaristia.

É desejável que o *Rito de entronização* tenha lugar pelo menos uma vez, durante a celebração eucarística mais solene no *Domingo da Palavra de Deus*.

Ao lado do altar, no ambão, ou noutro lugar especialmente preparado (uma capela), deve preparar-se um lugar visível a toda a assembleia, elevado e ornamentado, onde possa ser colocado o texto sagrado.

Para valorizar o Domingo da Palavra, podem ler-se, no início da Eucaristia, antes de cada leitura e no final da Missa, as pequenas monições que são propostas.

Monição inicial (antes do início da celebração eucarística)

Celebramos hoje o *Domingo da Palavra de Deus*, iniciativa pastoral querida pelo Papa Francesco em 2019. É um Domingo “dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus” (Aperuit Illis, 3). Abramos a nossa mente e o nosso coração para acolher esta Palavra, «lâmpada para os nossos passos e farol do nosso caminho» (cf. Sl 118, 105).

A Santa Missa inicia *more solita*: encorajamos, segundo as possibilidades, a que se faça a procissão solene com o turíbulo, a naveta, a cruz e as velas, levando o Evangelário segundo o costume da Igreja romana.

ATO PENITENCIAL

Após a saudação inicial, introduz-se com estas palavras ou outras semelhantes:

Neste dia, a Igreja celebra o *Domingo da Palavra de Deus*: abramo-nos à presença de Deus que, através da sua Palavra, deseja revelar-se e habitar nas nossas existências.

Para que possamos acolher a sua presença durante esta celebração, reconheçamos que somos pecadores e invoquemos com confiança a misericórdia de Deus.

Segue o ato penitencial, que poderá ser o seguinte:

C. Senhor, que sois a Palavra de Deus feita carne, *Kyrie eleison*

R. *Kyrie eleison*

C. Cristo, que fazeis com que os cegos recuperem a vista com a força da tua palavra,
Christe eleison

R. *Christe eleison*

C. Senhor, que libertais as nossas vidas do pecado, *Kyrie eleison*

R. *Kyrie eleison*

C. Deus omnipotente tenha misericórdia de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

R. *Ámen.*

Canta-se o Glória e depois inicia a Liturgia da Palavra *more solito*.

Monição à primeira leitura

Diante do povo de Israel, que tinha sofrido de muitas formas, o profeta Isaías encoraja-o com o anúncio de um futuro melhor: «O povo que andava na escuridão viu uma grande luz». Jesus é aquela Luz que nos ilumina de um modo especial através da sua Palavra. Deste modo, a Palavra de Deus guia-nos e enche-nos de esperança.

Monição à segunda leitura

São Paulo dirige-se aos Coríntios para exortá-los a saírem das divisões. A Palavra de Deus, anunciada na carta do Apóstolo, chama-nos também à unidade da fé em Cristo. Somos os filhos de Deus reunidos para escutar e seguir a sua Boa Notícia.

Monição ao Evangelho

Mateus coloca o início do ministério de Jesus na Galileia, seguindo a profecia de Isaías a respeito desta região, como escutámos na primeira leitura. Jesus apresenta-se como a Luz que ilumina o mundo, anunciando a conversão e escolhendo os seus primeiros discípulos.

ENTRONIZAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Para a proclamação do Evangelho, traz-se o Evangeliário em procissão do altar ao ambão, onde é incensado. Ao terminar a proclamação do Evangelho, o ministro, depois de ter beijado o texto sagrado, coloca-o processionalmente no trono/nicho, onde é aberto e incensado.

Um comentador explica o gesto com estas palavras ou outras semelhantes:

O livro que contém a Palavra de Deus é agora solenemente colocado no trono. É um gesto simbólico com o qual não só elevamos a Sagrada Escritura no meio da nossa comunidade orante, mas também manifestamos a nossa vontade de a colocar no primeiro lugar da nossa vida. Assim, a Palavra de Deus torna-se o farol da nossa existência, que ilumina as nossas decisões e inspira as nossas ações de acordo com a vontade de Deus.

Segue a homilia e a Santa Missa *more solito*.

ORAÇÃO DOS FIÉIS

Poderá usar-se a seguinte oração dos fiéis, modificando-a segundo as necessidades da comunidade:

C. Caríssimos irmãos e irmãs, reunidos em assembleia para celebrar os mistérios da nossa redenção, supliquemos a Deus Todo-Poderoso que, através da sua Palavra, o nosso caminho para a santidade seja renovado.

L. Oremos, dizendo: *Fazei de nós, Senhor, anunciadores da vossa Palavra!*

1. Pelo Santo Padre, pelos bispos e sacerdotes, para que amem cada vez mais a Palavra de Deus e a partilhem com alegria às pessoas a si confiadas, através da meditação aprofundada, oremos.
2. Pelos leitores e os catequistas que hoje receberam o seu ministério, para que, aprofundando a cada dia a Palavra de Deus, se configurem com ela e a transmitam com o testemunho da própria vida, oremos.
3. Pelos pais, para que, iluminados e reforçados pela Palavra de Deus, tenham a sabedoria de guiar os próprios filhos, transmitindo-lhes a fé, oremos.
4. Por toda a comunidade cristã que escuta a voz de Deus que fala através da sua Palavra, para que cresça na unidade e dê um autêntico testemunho do amor de Deus, oremos.
5. Para que os nossos corações ardam ao escutar as Escrituras e assim regressemos à nossa vida quotidiana com alegria, anunciando e pondo em prática aquilo que Jesus nos pede, oremos.
6. Por cada um de nós, para que abramos o nosso coração à Palavra de Deus e, assim, trabalhemos juntos a cada dia para construir a paz, oremos.

C. Escutai, Pai misericordioso, estas orações que Vos dirigimos com fé por meio do Vosso Filho, o Verbo feito carne, que vive e reina convosco, pelos séculos dos séculos. **Ámen**

BÊNÇÃO SOLENE

O sacerdote, estendendo as mãos, diz:

C. Deus, que manifestou a sua verdade e caridade em Cristo, faça de vós apóstolos do Evangelho e testemunhas do seu amor no mundo.

R. **Ámen.**

C. O Senhor Jesus, que prometeu à sua Igreja que estaria sempre presente até ao fim dos tempos, guie os vossos passos e confirme as vossas palavras.

R. **Ámen.**

C. O Espírito do Senhor esteja sobre vós, para que, caminhando pelas estradas do mundo, possais evangelizar os pobres e curar os contritos de coração.

R. **Ámen.**

Abençoa todos os presentes, dizendo:

C. Abençoe-vos Deus todo-poderoso,
Pai, Filho + e Espírito Santo.

R. Ámen.

Monição final

Gratos ao Senhor por nos ter permitido celebrar o *Domingo da Palavra de Deus*, regressemos à nossa vida quotidiana com alegria, testemunhando e anunciando aquilo que recebemos.



Para além da Entronização da Palavra na Santa Missa, a nível comunitário podem realizar-se as seguintes iniciativas pastorais:

Traz a Bíblia para a Igreja

Pedir com antecedência para trazerem a Bíblia para a igreja no *Domingo da Palavra de Deus* e utilizá-la na liturgia da Palavra na Eucaristia.

No fim da Missa ou nos dias seguintes da semana, poderiam formar-se pequenos grupos para partilhar a própria reflexão sobre o Evangelho.

Um marcador de livro

Poderia entregar-se marcadores de livros com citações bíblicas, de modo que a Palavra de Deus estivesse presente nas suas leituras.

Entregar citações bíblicas

Uma outra sugestão é escrever várias citações bíblicas (só a abreviatura) num pequeno pedaço de papel que pode ser enrolado: no final da missa pode ser entregue aos fiéis para ler em casa e partilhar em família.

Leitura contínua

Durante a semana do *Domingo da Palavra de Deus*, ou em determinados dias escolhidos, poder-se-ia realizar a leitura pública contínua do Evangelho na Igreja.

Exposições bíblicas

Poderiam realizar-se exposições bíblicas, com imagens, informações, dados históricos e motivações para continuar a aprofundar a Sagrada Escritura.

A PALAVRA DE DEUS EM FAMÍLIA

De facto, pertence à autêntica paternidade e maternidade a comunicação e o testemunho do sentido da vida em Cristo: através da fidelidade e unidade da vida familiar, os esposos são, para os seus filhos, os primeiros anunciadores da Palavra de Deus... Por isso, o Sínodo deseja que cada casa tenha a sua Bíblia e a conserve em lugar digno para poder lê-la e utilizá-la na oração.

(Verbum Domini, 85)

1. Palavra partilhada em família

«Faz da tua pequena casa uma Igreja» (J. Crisóstomo)

*A erva seca e a flor murcha,
mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre. (Is 40,8)*

“Faz da tua pequena casa uma Igreja”. Com estas palavras de São João Crisóstomo sublinhamos a importância da família como Igreja doméstica, onde a Palavra de Deus está presente para acompanhar, anunciar e testemunhar o encontro permanente com o Senhor, renovando a esperança e apontando a natureza e a missão da Igreja.

No Rio de Janeiro, em 1997, o Papa João Paulo II recordou que a família «é o santuário da vida, dom de Deus, onde é protegida dos múltiplos ataques a que está exposta» da parte de quem procura destruir a sua unidade e estabilidade, e faz da cultura um ambiente sempre mais descristianizado.

Hoje dizemos que o nosso mundo, a sociedade e a família estão em crise porque se construíram tantas formas de vida volúveis que, sem negar Deus, parecem não o ter em conta. Já lá vão os dias em que se falava da família composta por mãe, pai e filhos; e parece



uma utopia cultivar a esperança de consolidar as famílias cristãs onde não falta pão, abrigo e educação; onde a fé e a Palavra são partilhadas com amor entre os seus membros. A família sofre com o peso da cultura dominante, que coloca a economia no centro da vida, pondo de lado a solidariedade e a fraternidade, que acabam por ser irrelevantes. Separações, divórcios, ausências, o eclipse da figura paterna, as mães solteiras, os filhos abandonados e, ultimamente, novas noções sobre a ideia de família e a prática do aborto que demonstram pouco respeito pela vida humana.

Certamente que as famílias nem sempre oferecem um ambiente propício ao afeto, à força em momentos de crise; nem um lugar para o amor e a difusão da Palavra de Deus; a isto há que acrescentar as profundas transformações sociais e tecnológicas que afetam o estado da família e ameaçam fazê-la desaparecer.

Para crescer de uma forma autenticamente humana, a família deve

ter Deus presente dentro de si; como Igreja doméstica, aprende-se a ser pai, mãe, filho, irmão... a compreender o que significa fazer parte do corpo místico de Cristo, a crescer fortes, respeitando o vínculo geracional e, como comunidade de fé, favorecendo a oração entre os membros, a frequência assídua aos sacramentos, a leitura da Bíblia e as tradições cristãs. Sabemos que não é fácil difundir a fé e o amor à Palavra na família porque é um processo que nunca termina (cf. *Rm 12,18*).

A Palavra tem dentro de si uma potencialidade que não podemos prever. O Evangelho fala de uma semente que, uma vez semeada, cresce por si mesma, mesmo quando o agricultor está a dormir (cf. *Mc 4,26-29*). A família deve aceitar a liberdade da Palavra, que é eficaz ao seu modo e de formas muito diversas, que muitas vezes excedem as nossas expectativas e rompem os nossos esquemas.

O melhor modelo que podemos adotar para fazer da Palavra de Deus o cume da vida familiar é imitar a família de Nazaré. Não se trata de ter um retrato desfigurado da Sagrada Família, assumindo uma "imagem ideal": São José com a barba, na sua oficina de carpinteiro ou com um lírio florido na mão; a bela Virgem Maria, inocente e dedicada ao seu trabalho, e o menino a aprender o ofício do pai. Tudo parece idílico, mas a família de Jesus, como a nossa, teve as suas dificuldades.

Assim que ficaram noivos, José percebeu que Maria estava grávida, antes de viverem juntos (cf. *Mt 1,18*); resolver este problema não foi fácil, envolveu diálogo, discernimento e oração. Depois, em Belém, nasceu Jesus; o casal encontrou dificuldades na viagem e na procura de alojamento. Também sofreram perseguição política e tiveram de se exilar num país estrangeiro (cf. *Mt 2,13-15*).

Também não puderam regressar a Belém, mas a uma cidade perdida e desconhecida da Galileia. Mais tarde, levaram o menino ao templo e ouviram um homem de Deus falar do seu destino (cf. *Lc 2,35*). Depois Jesus perdeu-se dos seus pais durante três dias (cf. *Lc 2,41-51*). Podemos imaginar, então, uma família como a nossa. O Evangelho dá-nos uma diretriz: a família ideal não existe, contudo uma família que se desenvolve como uma Igreja doméstica é aquela que escuta, acolhe e vive a Palavra de Deus; edificando valores que favorecem um encontro pessoal com Jesus, para afirmar com os apóstolos: «*não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos*» (*Act 4,20*).

Que desafios enfrentamos neste momento? A família, a sexualidade e o casamento são cada vez mais vistos como conquistas pessoais e os primeiros a serem afetados são os filhos, que deveriam estar inseridos numa casa que lhes assegurasse o crescimento físico, espiritual e emocional. Se Jesus usou parábolas para chegar às pessoas, a vida familiar pode trazer em si um grande convite a ser uma parábola, com o carisma do encontro, a ser a internet evangélica, a formar redes espirituais juntamente com Jesus Cristo para que «a Palavra de Deus se espalhe e brilhe» (*2 Ts 3,1*).

Com a pandemia, assistimos a algumas mudanças positivas, um regresso às relações pessoais e à família, que se reunia para a liturgia, para a oração do terço, a *lectio* ou o terço da misericórdia; a experiência de tempos fortes como um encontro novo ou renovado com a Palavra; reflexões sobre a Bíblia através de meios digitais, reavaliando cada momento, e o valor de um abraço e de um "amo-te" à distância. Num momento tão

peculiar como este, surgiram propostas inovadoras de evangelização, com iniciativas que usavam os meios cibernéticos, evidenciando um papel mais importante para a família. O Papa Bento XVI disse, ratificando um ensinamento de longa data: *“a fé cristã não é uma religião do Livro: o cristianismo é a religião da Palavra de Deus”*.

A primeira história de salvação começa com a família de Adão e Eva, e a segunda com a família de Maria, que completa a história de Israel. Com Ela compreendemos que a família é, e deve ser, cristocêntrica. Em São José encontramos um exemplo magnífico de um homem, marido e pai; cuja paternidade saudável foi a base da experiência espiritual de Jesus com o seu Abbà.

Ler hoje os sinais dos tempos à luz da Palavra de Deus pode tornar a casa uma Igreja doméstica mais robusta, que toca profundas fontes emocionais e vitais, que inspira todos os membros do núcleo familiar a viver a sua relação com Deus de um modo novo, a praticar o silêncio, amando, obedecendo, acolhendo e trabalhando. É essencial que a Palavra revelada se torne fecunda na família. À medida que a realidade muda, a revelação de Deus está a mostrar um novo rosto de Deus: embora mantendo traços constantes – o núcleo da identidade cristã –, ao mesmo tempo está a transformar-se para oferecer respostas a novas situações familiares.

Recordando os versos de Rubén Darío: *“haverá sempre frutos de esperança no ventre eterno”*, estamos a viver um verdadeiro *kairós*, um momento histórico decisivo, com imensas possibilidades de definir a missão, percorrendo caminhos de fraternidade em família. Somos o sal da terra e glorificamos o Pai que está nos céus (cf. *Mt 5,13-16*). É um tempo de convicção mais pessoal, de maior fervor e de referência mais existencial a Jesus.

Parar concluir, propõem-se algumas linhas de ação para partilhar a Palavra em família:

- Que a família seja o eixo transversal dos processos pastorais de ação evangelizadora nas nossas paróquias, promovendo a importância da catequese familiar com a participação em percursos de iniciação cristã, que celebram a fé em casa e na comunidade.
- Promover a missão e a identidade da família na Igreja e na sociedade.
- Participar nas políticas públicas a favor da vida, do matrimónio e da família.
- Reforçar o domingo em família, o dia do Senhor como momento de ágape e de oração.

Reconhece-se a maturidade de uma família que vive segundo o Espírito de Deus, na fé e na fidelidade do compromisso quotidiano, na simples adesão à Palavra de Deus.

2. Experiência da transmissão da Palavra de Deus aos filhos

Chamo-me Alessandro Dariva. Percebi que não há uma idade melhor do que a outra para um filho acolher a palavra de Deus. Temos cinco filhos, um dos quais está no céu, que têm entre 1 e 7 anos de idade e são eles próprios que, por vezes, nos dão oportunidades para lhes falarmos do Evangelho. Quando são muito pequenos, por exemplo, ficam profundamente intrigados com o crucifixo. Esta imagem toca a sua curiosidade, levando-os a fazer perguntas como “quem é ele?” ou, ainda mais complicado, “porque morreu?”.

As imagens, portanto, assim como mais tarde os sinais, ajudam-nos a “semear” a palavra de Deus: as orações à noite ou antes das refeições, a bênção dada antes de dormir, etc. Depois, o domingo é um pouco como se fosse o dia da colheita. De manhã, após o pequeno-almoço, reunimo-nos todos à volta de uma pequena mesa onde colocamos, ao centro, a Bíblia, um pequeno crucifixo e uma vela de Páscoa. Assim rezamos as laudes, cantando juntos os salmos, acompanhando com a guitarra e vários pequenos instrumentos que as crianças escolhem para acompanhar. Em suma, uma pequena festa. Depois disto, abrimos o evangelho, explicando-lhes que a palavra que estamos prestes a ouvir é como um dom precioso e, portanto, requer atenção. Depois de interrogar as crianças para ver o que ouviram e o que gostaram, passamos à explicação. Este é o momento de lhes recordar, mas sobretudo para recordar a nós próprios, que a palavra de Deus é viva e fala através dos factos das nossas vidas, sejam eles pequenos ou grandes. A Palavra dá sempre frutos e partilhar estes frutos completa a oração de louvor da família.

Mas nós, pais, somos a primeira figura de Deus para um filho. Por isso pedimos sempre ao Senhor que nos torne santos, misericordiosos entre nós e com eles, porque sabemos que a Palavra deve ser sempre acompanhada de sinais de fé, caso contrário é vaidosa e incompleta. E os filhos sabem isto melhor do que ninguém, porque observam o que fazemos, mais do que aquilo que lhes dizemos enquanto pais. Portanto, em última análise, a transmissão da palavra de Deus é uma graça, porque supera as nossas faltas e, mesmo que não sejamos plenamente dignos dela, permite-nos ver os seus frutos e bendizer o Senhor.

3. Propostas pastorais

Um lugar privilegiado para a transmissão e a receção da fé é a própria família, onde, de geração em geração, se partilha experiencialmente aquilo que se recebe, isto é, as convicções e as certezas que brotam da própria experiência. Por este motivo, é essencial reforçar e não perder este anúncio de fé na família.

Celebração de entrega da Palavra aos filhos

É uma proposta que quer sublinhar a responsabilidade dos pais na transmissão da fé e do encontro pessoal dos seus filhos com Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, todavia, demonstra a importância de acolher a Palavra de Deus, quer para os pais quer para os filhos, porque não se pode transmitir a Palavra, se esta não foi acolhida primeiro.

Seria conveniente se os pais pudessem preparar, para esta ocasião, uma passagem bíblica que gostassem de ler juntamente com os seus filhos, uma passagem que correspondesse à sua situação familiar e ao estado da sua fé. Caso contrário, pode utilizar-se a passagem que propomos abaixo.

Como sinal especial da entrega, sugere-se que os pais escolham uma frase bíblica, escrevam-na (talvez com uma breve motivação escrita ou dita em voz alta durante a entrega), coloquem-na num envelope (ou a imprimam num cartão colorido, num cartão enrolado ou feito de outro modo), e a entreguem aos seus filhos no final do encontro.

A entrega da Palavra poderá decorrer do seguinte modo:

Durante o Domingo da Palavra de Deus, todos os membros da família se reúnam à volta da mesa, onde se coloca, segundo as possibilidades, um crucifixo, uma imagem de Nossa Senhora, uma vela e a Bíblia.

Um dos membros da família acende a vela e diz:

- A luz de Cristo

Todos respondem:

- Graças a Deus.

A seguir, um dos pais introduz a oração ao Espírito Santo. Pode fazê-lo com estas palavras, ou com outras que forem mais oportunas:

Transmito-vos o que recebi – estas palavras escritas pelo apóstolo Paulo na Primeira Carta aos Coríntios (15,3) lembram-nos uma verdade simples: só se pode dar aos outros o que se recebeu. Tornemo-nos abertos e disponíveis para receber a Palavra de Deus e para a transmitir entre nós, em família e, mais tarde, àqueles que encontramos na nossa vida quotidiana.

Peçamos agora o Espírito Santo, para que nos acompanhe com a sua luz durante este momento.

Diz-se a seguinte oração (também pode ser dividida e recitada por várias pessoas):

Vem, Espírito Santo, e ilumina os meus passos com a tua luz.

Vem, Espírito Santo, e faz que eu me abra totalmente às tuas inspirações.

Vem, Espírito Santo, e dá-me a força para poder anunciar e testemunhar a tua presença.

Vem, Espírito Santo, e dá-me o amor e a compressão da Palavra de Deus.

Vem, Espírito Santo, e abre os meus ouvidos para que eu possa escutá-la.

Vem, Espírito Santo, e dá-me força de vontade para segui-la e obedecer a essa Palavra.

Vem, Espírito Santo, e renova-me com a tua Palavra, para que eu seja uma nova criatura.

Vem, Espírito Santo, e acende em mim o fogo do teu amor, para que eu ame todos os homens, especialmente os pobres e os mais necessitados.

Um membro da família toma a Bíblia, abre-a, e começa a ler a seguinte passagem do Evangelho de Lucas 8,4-15 – A parábola do semeador.

Escutemos a palavra do Senhor do Evangelho segundo Lucas

Naquele tempo, reuniu-se uma grande multidão, que vinha ter com Jesus de todas as cidades, e Ele falou-lhes por meio da seguinte parábola: «O semeador saiu para semear a sua semente. Quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho: foi calcada e as aves do céu comeram-na. Outra parte caiu em terreno pedregoso: depois de ter nascido, secou por falta de humidade. Outra parte caiu entre espinhos: os espinhos cresceram com ela e sufocaram-na. Outra parte caiu em boa terra: nasceu e deu fruto cem por um». Dito isto, exclamou: «Quem tem ouvidos para ouvir, oiça». Os discípulos perguntaram a Jesus o que significava aquela parábola e Ele respondeu: «A vós foi concedido conhecer os mistérios do reino de Deus, mas aos outros serão apresentados só em parábolas, para que, ao olharem, não vejam, e, ao ouvirem, não entendam. É este o sentido da parábola: A semente é a palavra de Deus. Os que estão à beira do caminho são aqueles que ouvem, mas depois vem o diabo tirar-lhes a palavra do coração, para que não acreditem e se salvem. Os que estão em terreno pedregoso são aqueles que, ao ouvirem, acolhem a palavra com alegria, mas, como não têm raiz, acreditam por algum tempo e afastam-se quando chega a provação. A semente que caiu entre espinhos são aqueles que ouviram, mas, sob o peso dos cuidados, da riqueza e dos prazeres da vida, sentem-se sufocados e não chegam a amadurecer. A semente que caiu em boa terra são aqueles que ouviram a palavra com um coração nobre e generoso, a conservam e dão fruto pela sua perseverança».

Todos os membros da família beijam o Livro da Sagrada Escritura. Segue-se um momento de silêncio, durante o qual cada um medita e reza o texto que foi escutado.

De seguida, os presentes, começando pelos pais, podem partilhar as suas próprias reflexões sobre a Palavra de Deus que foi escutada. Para facilitar a partilha, propõem-se as seguintes perguntas:

- Qual a parte do texto que mais me tocou/que mais gostei e porquê?
- Com que parte/imagem da história bíblica me identifico?
- Que comportamento ou situação chamou a minha atenção?
- Será que senti alguma emoção durante a leitura? Quais e quando?
- De alguma forma esta passagem está relacionada com a minha vida?
- Sinto-me inspirado pelas palavras escutadas?

Se se preferir omitir o momento da partilha, pode ler-se o seguinte comentário:

Hoje esta parábola fala a cada um de nós, como falava aos ouvintes de Jesus há dois mil anos. Ela recorda-nos que nós somos o terreno onde o Senhor lança incansavelmente a semente da sua Palavra e do seu amor. Com que disposições o acolhemos? E podemos perguntar-nos: como é o nosso coração? Com qual dos terrenos ele se assemelha: uma estrada, um terreno pedregoso, um arbusto? Depende de nós tornarmo-nos um terreno bom, sem espinhos nem pedregulhos, mas desbravado e cultivado com cuidado, a fim de poder produzir bons frutos para nós e para os nossos irmãos.

E far-nos-á bem não esquecer que também nós somos semeadores. Deus lança sementes boas, e também aqui podemos interrogar-nos: que tipo de semente sai do nosso coração e da nossa boca? As nossas palavras podem fazer muito bem, mas também muito mal; podem curar e podem ferir; podem animar e podem deprimir. Recordai-vos: o que conta não é aquilo que entra, mas o que sai da nossa boca e do coração.

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, 13 julho 2014

Se os pais preferiram usar uma outra passagem, que lhes pareça mais adequada às exigências familiares, podem iniciar a sua reflexão a partir das seguintes questões:

- Porque escolhemos precisamente este texto?
- Que importância tem este texto para nós?
- Que palavras/frases queremos especialmente partilhar convosco e porquê?

Depois do comentário, todos rezam, em conjunto, a oração do Senhor:

- Pai nosso, que estais nos céus...

Terminada a oração, os pais podem entregar a cada um dos filhos o envelope com a frase bíblica que escolheram, explicando este gesto com estas palavras ou outras semelhantes:

- Como pais/pai/mãe, pensámos/pensei escolher para ti/vocês esta frase da Bíblia. A Palavra de Deus possa iluminar o teu caminho, os teus pensamentos e o teu coração.

Depois da entrega, a pessoa que acendeu a vela toma a Bíblia e traça sobre ela o sinal da cruz, abençoando com a Sagrada Escritura toda a família, pronunciando as seguintes palavras:

- A bênção de Deus desça sobre cada um de vós e convosco permaneça sempre.

Apaga-se a vela, dizendo:

- Fica conosco, Senhor, agora e em todos os dias da nossa vida. *Âmen*



Lectio Divina em família (Mt 4,12-23)

Premissa

«Abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras...» (Lc 24,45). Esta é a certeza que sustenta qualquer pessoa que se aproxime da Escritura para saborear a Palavra que ela contém. O entrelaçar da Palavra de Deus com palavras humanas acompanha e orienta a vida de homens e mulheres desejosos de conhecer Deus em Cristo Jesus *Palavra feita carne*.

«A doçura da Palavra de Deus impele-nos a comunicá-la àqueles que encontramos nas nossas vidas, para exprimir a certeza da esperança que ela contém (cf. 1 Pd 3,15-16). [...] A Palavra de Deus é capaz de abrir os nossos olhos [...] ao abrir o caminho da partilha e da solidariedade» (*Aperuit illis*, 12.13). Nesta melodia cadenciada pela escuta e pelo diálogo, o dinamismo da Palavra de Deus continua o seu caminho na vida de cada um e nas comunidades, entre as palavras humanas e dentro da história, exortando a uma participação ativa e corresponsável de todos na vida e na missão daquela *Igreja em saída* tão desejada pelo Papa Francisco. Com este sentimento comum, deixamo-nos encontrar por Jesus, o Cristo, *dabar* de Deus, deixamo-nos agarrar por uma Palavra que realiza o que diz, cura, estimula, liberta e consola, uma Palavra de Amor, um Amor que nos precedeu e nos precede sempre e faz de nós novas criaturas, dia após dia.

Invocando a luz do Espírito Santo, abrimos a página do evangelho de Mateus no cap. 4, vv. 12-23.

Contexto (vv. 12-16)

A passagem abre com uma anotação de carácter geográfico, que leva o leitor a seguir a viagem de Jesus, de Nazaré para Cafarnaum, na delicada transição entre o seu ministério que está prestes a começar e o do Batista que o precedeu. Por detrás está o cumprimento profetizado por Isaías (Is 8,23-9,1) e que o evangelista Mateus relata como selo da luz há tanto esperada. A referência é ao anúncio de libertação dirigido às regiões do Norte sob o domínio assírio. A vinda de Jesus é aquela luz esperada segundo o projeto de Deus já anunciado no Primeiro Testamento que ultrapassa perímetros geopolíticos e que se oferece a todos: a Israel e ao mundo inteiro.

Trata-se de informações preciosas e cheias de significado, que permitem ao leitor entrar no Mistério do *Reino que se aproxima* na obra messiânica de Jesus de Nazaré, na sua pregação e atividade de anúncio da boa nova do Reino de Deus (Mt 4,23//Mc 1,14-15; cf. Mt 24,14; 26,13) que age na história do povo. Além disso, tudo começa de forma surpreendente: não segundo a lógica humana, não a partir do centro religioso por excelência do judaísmo, Jerusalém, mas de uma região periférica e multiétnica, geralmente desdenhada e considerada contaminada pelo paganismo: a *Galileia dos gentios*, onde a missão de Jesus é colocada em continuidade com a pregação do Batista (Mt 3,2) e se liberta *kerygma*.

«*Converti-vos, porque o reino dos céus está próximo*» (v. 17): núcleo central da mensagem de Jesus

Entre as cidades da Galileia, Cafarnaum é um lugar teológico e centro da ação de Jesus, denominada «sua pátria» (Mc 2,1 e Mt 9,1). É interessante notar que Pedro tinha ali uma casa (Mc 1,29; 2,2; cf. Mt 8,14; Lc 4,38). Cafarnaum torna-se o centro da pregação de Jesus, de onde parte o convite à conversão com todo o seu poder salvífico. A Palavra feita carne é aquele reino que se fez próximo, que fez a sua incursão na história, que se deixou tocar, abraçar, que se pôde experimentar com gestos e palavras de inaudita novidade, para que através do Filho se pudesse *ver o Pai* (cf. Jo 14,9). Jesus *Kyrios*, o Cristo, é o Reino que já se pode experimentar aqui e que se refere ao Reino não deste mundo (cf. Jo 18,36), o Reino onde *reinar significa servir e amar*, onde *os últimos se tornam os primeiros* (Mt 19,30); onde o maior é aquele que serve (cf. Lc 22,24-27); onde uma mulher é curada por ter tocado a bainha do seu manto (Lc 8,43-48) e onde outros o seguiram do princípio ao fim (cf. Lc 8,1-3); onde a roupa é posta de lado, enrola-se uma toalha à cintura e se lavam os pés (cf. Jo 13,1s), onde por Amor se deixa pregar no lenho de uma cruz na certeza de que ela florescerá na manhã de Páscoa. Aqui está o manifesto programático de Jesus que vive na Igreja.

Converti-vos! É o convite a *mudar*, a mudar a direção para o caminho que conduz à salvação. É o convite a acreditar no Reino que se aproximou para manifestar a soberania do Amor de Deus na própria pessoa de Jesus o Senhor – nos seus gestos e nas suas palavras cheias de amor inédito – à humanidade pecadora, ferida, doente, discriminada, sem esperança. Trata-se acolher a Salvação que está à porta a bater para entrar na casa daqueles que estão prontos e abertos para a acolherem (Lc 19,9). Há uma possibilidade, há sempre uma possibilidade para voltar ao caminho da vida.

Chamada dos primeiros discípulos (vv. 18-22)

No cenário do lago, o pano de fundo é a ordinariedade da vida quotidiana: trata-se de pescadores que procuram realizar o seu trabalho entre as redes, os barcos e os peixes. Tudo começa com um olhar. Os primeiros a receberem aquele olhar (o de Jesus), que lhes falava ainda antes das palavras pronunciadas, são Pedro e André. Depois, com uma dinâmica semelhante, aquele olhar volta-se para os outros dois irmãos, Tiago e João, para os convidar a segui-lo.

O que faz Jesus

Vê: não é um simples olhar, mas antes um poisar o olhar sobre o discípulo para lhe indicar a sua escolha e eleição. O verbo *oraō*, referindo-se a Jesus, no aoristo (εἶδεν) é normalmente usado nos chamamentos ao seguimento. Note-se, antes de mais, que o verbo *oraō* usado por Mateus é repetido duas vezes (vv. 18.21) e designa um *ver para além e acima*. é o ver da fé, quando se refere aos crentes; o de possuir com autoridade, quando se refere a Jesus.

Disse-lhes: só num segundo momento é que Jesus lhes fala, com uma palavra viva, com autoridade, significativa, e que contém um convite/ordem explícito: «Vinde comigo, farei de vós pescadores de homens». Coloca-se em evidência a centralidade de Jesus e da sua iniciativa capaz de transformar e dar sentido à vida. Ele, o *Kyrios*, tem o poder de transformar simples pescadores em discípulos.

Chamou-os: são chamados quatro irmãos, dois a dois, quase a traçar desde já aquele envio em missão (Mc 6,7) pelas estradas, nas aldeias e no mundo inteiro. Jesus vem ao seu encontro dentro dos meandros da trama quotidiana da sua vida, durante o curso normal de um dia de trabalho na pesca, uns enquanto *lançavam as redes ao mar* e os outros enquanto, *com o seu pai Zebedeu, reparavam as redes.*



O que fazem os discípulos

As duas cenas de chamamento estão construídas de forma semelhante no vocabulário e na sua essencialidade (vv. 20.22). Entre a prontidão da resposta, num crescendo entre as redes que se deixam (trabalho) e, para além disso, o barco e o pai (as próprias raízes e a identidade social), toma forma um seguimento exigente e profundo, que é o caminho do Mestre. É um seguimento que mete em movimento, como os seus elementos constituintes indicam: *deixar e seguir*. É uma missão que assenta em coordenadas fundamentais: a partilha/comunhão com o Senhor Jesus e ir para o mundo *para exercer outro tipo de pesca*: o testemunho até ao ponto de dar a própria vida.

A atividade de Jesus (v. 23)

O v. 23, através de um quaternário de verbos, constitui uma espécie de resumo conclusivo da passagem. Num só verso condensa-se toda a atividade de Jesus: *percorria, ensinando, anunciando, curando*. É Jesus que vai (*percorria*) em busca de homens e mulheres pelas ruas da Palestina para lhes trazer a salvação. Ensinava nas sinagogas, a

partir da *Torá* e os profetas. Anunciava o evangelho do Reino: o *kerygma*, o conteúdo central da sua mensagem; Jesus realizava curas e libertava do mal. Um prelúdio daquela que será a página final do evangelho de Mateus com a sua fórmula batismal (Mt 28,18-20) que recorda o significado teológico da Galileia, onde tudo tinha começado, onde Jesus tinha anunciado o Reino e realizado curas; onde tinha experimentado acolhimento e rejeição (Mt 11,20-24; 13,53-58), e de onde as fronteiras desaparecerão, outros numerosos caminhos se abrirão com uma só certeza: «Ide e fazei discípulos de todas as povos [...]. E sabeis que eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,19-20).

Uma luz para nós

A Igreja, que é o conjunto dos convocados, ganhou forma a partir de quatro pescadores peritos, que encontramos nesta passagem, dos quais Jesus, através da pedagogia do “estar com Ele”, faz testemunhas credíveis, anunciadores apaixonados, mensageiros humildes, conscientes de serem *oligopistoi* (Mt 6,30; 8,26; 14,31; 16,8; 17; 20; Lc 12,28). O evangelista Mateus, ao usar amplamente este vocábulo no seu evangelho, põe em evidência a *pequenez e pobreza de fé e confiança* dos discípulos no seu percurso com Jesus, por vezes árduo. É uma metáfora da vida dos crentes que, diante das dificuldades, podem cair na desconfiança. Somos hoje chamados a olhar com admiração e novo ímpeto para aqueles que foram os primeiros na escola de Jesus, renunciando à ideia de um reino glorioso e de um Messias vitorioso, na experiência viva de um reino «que não é deste mundo» (Jo 18,36), mas que neste mundo manifestará o cuidado para com os pequenos, os famintos, os presos, os esquecidos, os sem voz, os insignificantes segundo a lógica do mundo (cf. Mt 25,31-46).

Pedro e André, Tiago e João e os outros oito, como tantos outros e bem como as mulheres que o tinham seguido da Galileia a Jerusalém – Maria de Magdala, Joana, Susana e muitas outras (cf. Lc 8,1-3) – uma corrente, de mais de dois mil anos, de nomes, relações, encontros, experiências, daquela salvação que chegou também a cada um de nós, como comunidade de crentes, naquele sim que floresceu e foi selado no Batismo.

Neste sentido, somos chamados a ser cada vez mais homens e mulheres que, à luz da Palavra «viva», «eficaz» (cheia de «energia», de «força viva»), «mais cortante» que qualquer espada de dois gumes, estão dispostos a dar razão da esperança que há em nós (1Pe 3,15) e a anunciar com paixão e alegria o que foi visto, tocado, experimentado (1Jo 1,1).

A PALAVRA DE DEUS NA VIDA QUOTIDIANA

Quanto mais soubermos colocar-nos à disposição da Palavra divina, tanto mais poderemos constatar como o mistério do Pentecostes se está a realizar ainda hoje na Igreja de Deus. O Espírito do Senhor continua a derramar os seus dons sobre a Igreja, para que sejamos guiados para a verdade total, desvendando-nos o sentido das Escrituras e tornando-nos anunciadores credíveis da Palavra de salvação.

(Verbum Domini, 123)

1. Palavra vivida com coragem

«*Eu, de facto, não me envergonho do Evangelho*» (Rm 1, 16)

São Paulo prega a partir da experiência que fez de Cristo, da graça do Espírito Santo, sabendo-se filho de Deus. Os escritos paulinos não se limitam ao ensino da vida cristã, mas mergulham na salvação da humanidade através de Jesus Cristo. Coerentemente com o ensinamento dos Apóstolos e a fé da comunidade dos crentes, São Paulo indica «que Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras; que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia» (1 Cor 15,3s). Viver a fé deduz-se das exigências intrínsecas da justificação concedida por Deus, do perdão dos pecados e da santificação concedida nos sacramentos, especialmente no batismo.

No ensino do Apóstolo, há um convite constante ao exercício da caridade cristã, pois não há lugar para uma vida passiva e há a convicção de que toda a capacidade de resposta pessoal vem de Deus. Adverte-se para o perigo de tentar construir sobre as próprias forças: «Quem, portanto, pensa estar de pé, que tenha cuidado para não cair» (1 Cor 10,12). São Paulo mostra a relação íntima e necessária que existe entre fé e vida: a fé exige uma forma de ser, particularmente na caridade (cf. Gal 5,6), lembrando-nos que este esforço não é coerente se não for apoiado pelo poder de Deus.

É necessária a ajuda de Deus na vida cristã e na impotência do homem perante a lei: «De facto, no meu íntimo consinto com a lei de Deus, mas nos meus membros vejo outra lei, que luta contra a lei da minha razão e me faz escravo da lei do pecado, que está nos meus membros» (Rm 7,22s). Contudo, «o que era impossível para a Lei, tornada impotente por causa da carne, Deus tornou possível: ao enviar o seu próprio Filho numa carne semelhante ao pecado e por causa do pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça da Lei se cumprisse em nós, que caminhamos não segundo a carne, mas segundo o Espírito» (Rm 8,3-4). O discípulo precisa de Cristo. Na obra da redenção, não é possível realizar a justiça perseguida pela lei, mas apenas através do Redentor. A lei, ainda que venha de Deus e seja, em si mesma, boa, não tem o poder de dar vida: «Se tivesse sido dada uma Lei capaz de dar a vida, a justiça viria efetivamente pela Lei» (Gl 3,21); e, também, o seu cumprimento pode levar o homem a «glorificar-se a si mesmo» (cf. Rm 2,17.23). Só em Cristo a humanidade pode vencer na luta contra o pecado e cumprir a lei.

Com a ajuda divina, dada à humanidade, torna-se possível um certo modo de vida: «Porque nós somos, de facto, a sua obra, criada em Cristo Jesus para as boas obras, que Deus de antemão preparou para nelas caminharmos» (Ef 2,10). A capacidade operativa é radicalmente diferente com a graça de Deus, a começar pelo facto de haver uma nova criação; a ação de Deus não se reduz apenas a promover ações humanas, mas alcança a raiz da realidade de cada pessoa. «Com efeito, manifestou-se a graça de Deus, portadora de salvação para todos os homens, que nos ensina a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos e a viver neste mundo com sobriedade, justiça e piedade, aguardando a bem-aventurada esperança e a manifestação da Glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo» (Tt 2,11s; cf. 2Cor 5,17). No batismo realiza-se a transmissão cultural da vida nova em que o crente é introduzido: «Ele salvou-nos, não por nenhuma obra justa que tenhamos

feito, mas pela sua misericórdia, com uma água que regenera e renova no Espírito Santo...» (Tt 3,5).

O Apóstolo dos gentios chama enfaticamente a seguir Cristo, Verbo de vida eterna, no Espírito: «Digo-vos, pois, caminhei segundo o Espírito e não sereis levados a satisfazer os desejos da carne. Porque a carne tem desejos contrários ao Espírito e o Espírito tem desejos contrários à carne; estas coisas são opostas umas às outras, de tal modo que não fazeis aquilo que quereis» (Gl 5,16s). Os frutos do Espírito são: «amor, alegria, paz, magnanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio; contra estas coisas não há Lei» (Gl 5,22s; cf. 2Cor 6,6; Ef 5,9; 1Tm 4,12). «Os que vivem segundo a carne tendem para o que é carnal; mas aqueles que vivem segundo o Espírito tendem para o que é espiritual. Ora, a carne tende para a morte, enquanto o Espírito tende para a vida e para a paz.... Mas vós não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito, pois o Espírito de Deus habita em vós» (Rm 8,5.6.9).

É o Espírito que libertou o batizado da opressão do pecado e o motiva desde dentro: «E se o Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus de entre os mortos, habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo de entre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais através do seu Espírito que habita em vós» (Rm 8,11). Embora São Paulo, por vezes, se dirija aos batizados como «escravos da justiça» (Rm 6,18) ou mesmo «escravos de Deus» (Rm 6,22), fá-lo sempre em termos de analogia. O Espírito guia, nunca obriga ou força a uma determinada ação, pelo contrário, chama à livre determinação em todas as circunstâncias (cf. Rm 8,14). O Espírito Santo não é apenas um «mestre interior», mas sobretudo o princípio de uma vida propriamente divina em Cristo.

«Viver em Cristo, existir em Cristo» significa que a vida do discípulo emana da sua união com o Filho de Deus, como sua fonte, seu exemplo e seu autor.

2. Exame de consciência bíblico

I. Deveres para comigo

1. Deixei de pensar com critérios sobrenaturais, seguindo pensamentos que não são os de Deus, mas dos homens? (*Mc 8, 33*).
2. Sou um cristão do “sal insípido”, da “luz escondida” (*Mt 5,13*) e do “fermento que não leveda a massa”? (*Mt 13,33*).
3. Amo o meu amigo, mas odeio o inimigo? (*Mt 5,43*).
4. Ouso percorrer a via estreita? (*Mt 7,14*).
5. Quero ocupar os primeiros lugares e ser honrado pelos outros? (*Lc 14, 8*).
6. Prefiro ser servido do que servir? (*Mt 20, 28*).
7. Deixo-me levar pelos meus apetites e não sou fiel aos meus compromissos? (*Lc 16, 10*).
8. Quero vencer o mal com o mal? (*Rm 12,21*).

II. Deveres para com os outros

9. Reconheço Jesus nos famintos, vejo-o nos doentes ou na prisão? (*Mt 25, 42*).
10. Dou auxílio aos feridos na berma da estrada, ou viro as costas? (*Lc 10,31*).
11. Retribuo “olho per olho” e “dente per dente”, sem dar a outra face aos que me batem? (*Mt 5,39*).
12. Vejo o argueiro no olho do outro, sem ver a trave que está no meu? (*Mt 7,3*).
13. Mageei o meu irmão com ironia, esquecimentos, incompreensões? (*Mt 5, 22*).
14. Crio divisões e não quero colaborar com aqueles que não são do meu agrado? (*Mc 9, 38*).
15. Não considero os outros superiores a mim? (*Fl 2,3*).

III. Deveres para com Deus

16. Não amo Jesus Cristo acima de todas as coisas, nem considero as coisas como lixo, até que as possua? (*Fl 3,8*).
17. Deixei arrefecer o meu primeiro amor? (*Ap 2,2-5*).
18. Quero seguir Deus sem tomar a minha cruz e sem negar a mim mesmo? (*Lc 9, 23*).
19. Contento-me em dizer: «Senhor, Senhor»? Falo muito e faço pouco? (*Mt 7,22*).
20. Poupo o meu perfume e parece-me errado derramá-lo aos pés de Jesus? (*Lc 12, 5*).
21. Creio que é possível servir a Deus e ao dinheiro? (*Mt 6,24*).
22. Olho para trás, depois de ter metido a mão ao arado? (*Lc 9,62*).
23. Deixo apagar a minha lâmpada quando o Senhor demora a chegar? (*Mt 25,11*).

3. Propostas pastorais

O cristão ama a Palavra de Deus transmitida pela Sagrada Escritura porque «ignorar a Escritura é ignorar Cristo» (São Jerónimo). O encontro com a Palavra de Deus é um encontro com quem nos ama, por isso precisamos de ter um contacto frequente com a Palavra de Deus e de metê-la no centro da nossa vida.

Traz a Palavra sempre contigo no teu telemóvel. Sugestões práticas

O telemóvel tornou-se não só um instrumento quotidiano, mas também uma extensão da pessoa, especialmente para os mais jovens, que não podem sair de casa sem ele, levam-no sempre e para todo o lado. Tornou-se indispensável. Durante o habitual Angelus dominical, o Papa Francisco convidou os fiéis a levar a Bíblia para todo o lado, tal como nós fazemos com os nossos smartphones. O nosso desafio como cristãos é assegurar que este dispositivo, que agora faz parte das nossas vidas, nos ajude no nosso caminho de fé.

Como sabemos, pode facilmente ter-se a Bíblia no telemóvel para a consultar em qualquer altura, existem diferentes aplicações e páginas de Internet em diferentes línguas, não só com a Bíblia, mas também com as leituras da Santa Missa para cada dia, páginas onde se pode ler ou escutar a Palavra de Deus, páginas com comentários e reflexões sobre a mesma. Alguns até combinam textos da Sagrada Escritura com o Catecismo da Igreja Católica e algumas reflexões, como, por exemplo, o YOUCAT Daily, disponível em 6 línguas.

Sugere-se que se tenha uma destas aplicações (a que mais poder ajudar) na página principal do telemóvel e que se coloque um lembrete nas notificações para haver um momento todos os dias para encontrar a Palavra de Deus, de modo a que ela possa acompanhar-nos onde quer que vamos.

Já leste toda a Bíblia?

Existem aplicações da Bíblia nas quais se podem definir planos de leitura, ler versículos e inserir destaques, marcadores; há também a função de partilha rápida nas redes sociais.

Conheces a constituição *Dei Verbum*?

A constituição *Dei Verbum* é o documento do Concílio Vaticano II que trata o tema da Revelação Divina, que recebemos de modo particular através da Sagrada Escritura e da Tradição da Igreja. Pode encontrar-se facilmente no site da internet vatican.va.

Visitar uma Igreja

Para as crianças e os jovens poder-se-ia sugerir também uma iniciativa “mistagógica” deste género: entrar numa Igreja da própria diocese com pinturas, vitrais ou mosaicos e identificar os episódios bíblicos que estes contam, detendo-se nos detalhes, os aspetos que possam despertar especial curiosidade.

A Palavra de Deus para as crianças

Segue os percursos para encontrar a Palavra de Deus e as atitudes para a receber.



Acolhe-a

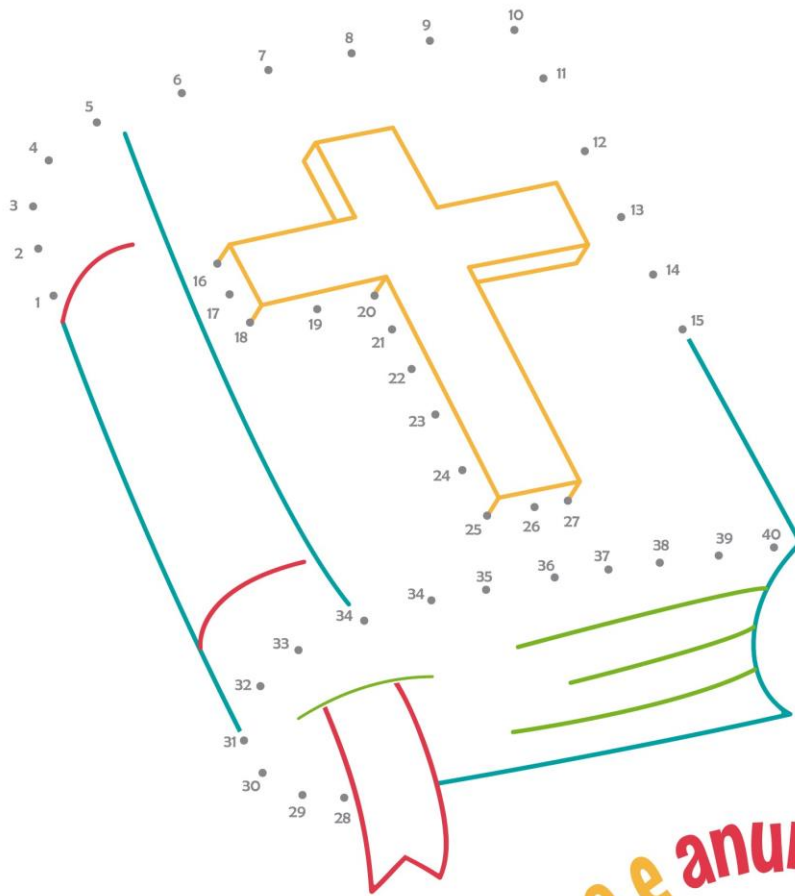
Partilha-a

Vive-a

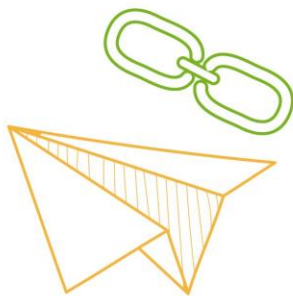
Anuncia-a

1Jo 1,3

Une os pontos seguindo a ordem dos números.
No final, pinta a imagem.



Acolhe-a, partilha-a, vive-a e anuncia-a



1Jo 1,3

APÊNDICE

ANUNCIADORES DA PALAVRA!

Deste modo, pois, com a leitura e estudo dos livros sagrados, «a palavra de Deus avance e seja glorificada (2 Ts 3,1) e o tesouro da revelação confiado à Igreja encha cada vez mais os corações dos homens. Assim como a vida da Igreja cresce com a assídua frequência do mistério eucarístico, assim também é lícito esperar um novo impulso na vida espiritual, se fizermos crescer a veneração pela palavra de Deus, que «permanece para sempre» (Is 40,8; cf. I Pe 1, 23-25).

(Dei Verbum, 26)

1. Anuncia aquilo que viste (Cf. 1 Jo 1,3)

João, o discípulo amado de Jesus, deseja oferecer a todos os seguidores do Messias Crucificado e Ressuscitado o mais desejável: a comunhão de todos com o Pai e o Filho. É por isso que não pode deixar de anunciar aquilo que viu e ouviu, juntamente com os outros primeiros discípulos de Cristo. A sua *koinonia* – fruto da Páscoa – baseia-se precisamente nestes três pilares: ver, ouvir, anunciar. *Anunciar* o que se experimentou é *partilhar*, estendendo a toda a humanidade a felicidade de Deus, reoferecida às suas criaturas na nova criação de forma ainda mais abundante do que na primeira criação.

Já no início da sua missão, Jesus sintetizou todo o Evangelho nas oito bem-aventuranças, expressões definitivas na doação do Reino aos discípulos. Sendo “palavras performativas”, que realizam aquilo que dizem, os oito “*macarismos*” oferecem a mesma felicidade de Deus também àqueles que têm um coração puro. Precisamente estes veriam a Deus! (cf. Mt 5,8).

Ver Deus

É um desejo que cada coração humano traz dentro de si, mesmo de modo subconsciente, sendo cada um moldado por Deus à Sua imagem e semelhança e animado pelo Seu Espírito. Um dos discípulos de Jesus expressou-o à sua maneira: “Faz-nos ver o Pai e isso nos basta”. Da resposta de Cristo no Cenáculo, todos nós aprendemos: “Quem me vê, vê o Pai” (cf. Jo 14,8-9).

Contudo, a partir do momento em que o Céu retirou o Ressuscitado da vista humana (cf. Act 1,9), ver Jesus para ver o Pai conduz-nos ao dom e à tarefa de o ver em cada outro ser humano! Um simples “olhar” não será suficiente aqui, uma vez que não coincide automaticamente com o “ver”, como o próprio Jesus tinha experimentado em relação à sua Pessoa e à sua obra (cf. Mt 13,10-17).

Na conclusão escatológica da história da salvação, “quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois vê-lo-emos como ele é” (1Jo 3,2). Antes disto acontecer, imersos na história, somos convidados a caminhar com os olhos do “coração puro” – olhos felizes, porque capazes de “intuir” e “perceber” sinais da presença de Jesus em cada irmão, pelo qual Ele se ofereceu na cruz. Foi a suprema revelação do amor de Deus, que – nas palavras de Paulo – “mostra o seu amor por nós porque, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Rm 5,8).

Foi isto que o discípulo amado viu com os seus próprios olhos quando estava debaixo da cruz de Cristo, com a sua mãe Maria. Foi isto que – após a notícia recebida de Maria de Magdala na manhã da ressurreição – correndo com Pedro para o túmulo vazio, ele finalmente “viu e acreditou” (Jo 20,8).

O que viram as primeiras testemunhas?

Antes que o Ressuscitado aparecesse pessoalmente diante deles, eles viram todos os sinais de que a tragédia da sexta-feira santa se tinha transformado naquilo que lhes

tinha sido prometido: era o início da *nova criação*, da vitória do amor e da vida que não morre mais. Era o início daquilo que compreenderiam ainda melhor com a efusão do Consolador no dia de Pentecostes: tudo era recapitulado em Cristo e a humanidade podia respirar o ar das bodas do Cordeiro, preparando-se para se tornar para sempre a sua Noiva.

Ver isto na história cheia de contradições e perseguições que se seguiram? Com os olhos de um coração puro é possível. E não se trata apenas de “ver” que cada ser humano é um “tabernáculo” de Cristo, mas também que a força da nova criação se realiza na fraqueza das suas testemunhas (cf. 2Cor 12,9). É necessário “ver”, isto é, “compreender” com o auxílio do Espírito, como ao longo de toda a história a criação continua a gemer e a sofrer “dores de parto”, esperando com impaciência a revelação dos filhos de Deus, enquanto a humanidade continua a ansiar pela definitiva “adoção como filhos” e “a redenção do nosso corpo” (cf. Rm 8,19-25).

Também aqui é Paulo que nos ajuda a compreender melhor o que João nos disse para fazer: “anunciar” o que vimos! Mas João resume-o no termo “*koinonia*”. É essa comunhão que no Espírito de Amor se torna um abraço definitivo à humanidade reconstituída em Cristo (filhos no Filho) da parte do Pai eterno, que encontrou no coração de Adão aquele paraíso no qual ele pretendia regozijar com os filhos do homem.

Como anunciá-lo? Verbo et opere...

Se se “viu” e “ouviu” algo de importância vital, não se pode ficar calado, ainda que não seja sempre a “boca” a primeira a anunciar a novidade da “Vida sem fim”. O Amor de Deus derramado abundantemente nos corações dos crentes (cf. Rm 5,5) é simultaneamente uma força e um desígnio de Deus capaz de criar as estruturas correspondentes à identidade agápica da humanidade renascida na Páscoa. O que era percebido na antiguidade como *verdadeiro, bom, belo e justo* poder-se-á traduzir de novo em realizações de paz e dinamismos de crescimento, tornando-se a alma da criatividade típica de cada nova geração humana.

Tal como no início, também aqui será necessário confiar na promessa de Jesus, segundo a qual – quando confrontados com instâncias resistentes e persecutórias – os apóstolos de Cristo receberão também a Inteligência superior encarnada em cada situação: “não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós” (Mt 10,19-20).

Existirão “plataformas” de encontro inter-humano e sempre novas. As tecnologias humanas proporão “paraísos digitais” de todos os tipos, numa autonomia frequentemente arrogante e sem alma, onde, no entanto, o “toque humano” reflorescerá com uma vitalidade ainda mais fecunda, uma vez que nenhuma máquina poderá substituir o abraço humano, sinal do abraço definitivo em Deus (a *koinonía* joanina). As relações humanas renascerão, entrelaçadas com laços de dom que sabe oferecer-se pelo Outro mesmo perdendo a sua própria vida. De facto, este é o *humanum* sonhado por Deus e reconquistado no coração de Cristo, trespassado por amor e ressuscitado com a sua paz que – anunciada – é uma terapia constante das infinitas feridas humanas, assumidas como suas pelo Ressuscitado.

2. O logo para o Domingo da Palavra de Deus

Os discípulos

«Dois dos discípulos de Jesus iam a caminho.» (Lc 24,13) Nos dois discípulos, Lucas vê o rosto de Todos os crentes, A atenção à reciprocidade entre masculino e feminino levou alguns exegetas a ver nestes dois discípulos um casal. identificando o discípulo anónimo com a mulher de Cléofas.

A luz

Quando o sol já se encaminha para o ocaso. há outra luz que aquece o coração dos discípulos: a luz da Palavra. No gesto eucarístico. ela encontrará a sua plenitude. plenificando a comunhão com o Mestre: «Nesse momento abriram-se os seus olhos e reconheceram-n'Ó.» (Lc 24,29)

Cristo ressuscitado

Com discrição, Jesus coloca-Se no nosso caminho, «põe-Se no meio», habitando a nossa história, as nossas dúvidas. Ele interpela e escuta quem as guarda no silêncio do coração: «Jesus aproximou-Se deles e pôs-Se com eles a caminho.» (Lc 24.15)

A estrela

Apontada por Cristo Ressuscitado. é o sinal da Evangelização: «Eles contaram o que tinha acontecido no caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão.» (Lc 24.35)



O rolo

No diálogo entre o Antigo e o Novo Testamento, desvela-se o mistério da salvação. «Começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito.» (Lc 24.27)

Os pés

Jesus Ressuscitado junta os seus passos aos passos do homem e o poder da sua Palavra sabe orientá-los na direção certa, porque «a tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (Sl 119,105). Por isso, eles «partiram imediatamente de regresso a Jerusalém» (Lc 24,33).

O cajado

Franzino e incerto, como todas as realidades humanas, exprime a fragilidade dos discípulos que «pararam, com ar muito triste» (Lc 24,17). Jesus Ressuscitado dá-lhes força com a Palavra «viva e eficaz, mais cortante que uma espada de dois gumes, [...] que é capaz de discernir os pensamentos e as intenções do coração» (Hb 4,12).

O Logo do Domingo da Palavra de Deus inspira-se no passo evangélico dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-33) e coloca em evidência o tema da relação entre os viandantes, expresso através de olhares, gestos e palavras. Jesus é figurado como Aquele que «se aproxima e caminha com» a humanidade (Lc 24,15), «habitando no meio» (Jo 1,14). N'Ele «não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; todos somos um só em Cristo Jesus» (Gl 3,28).

Caminhando entre os seus, Ele dá novo vigor aos seus passos, indicando os horizontes da evangelização, simbolizados no logo com a estrela: «Ele chama as suas ovelhas, cada uma delas pelo seu nome, e leva-as para fora. Depois de ter feito sair todas as que Lhe pertencem, caminha à sua frente e as ovelhas seguem-n'O, porque conhecem a sua voz.» (Jo 10,3-4)

As suas palavras formam um todo com aquelas que estão contidas no rolo que Ele tem nas mãos: «Quem é digno de abrir o livro e quebrar os seus selos?» (Ap 5,2) Se, diante dos mistérios da história, os dois discípulos estão confusos, logo recebem ânimo: «Não choreis! O leão da tribo de Judá, o Rebento de David, alcançou a vitória; Ele abrirá o livro e os seus sete selos.» (Ap 5,5) «Começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito.» (Lc 24,27)

A familiaridade com a Palavra de Deus nasce da relação, da procura do rosto de Deus nas Páginas Sagradas. A Escritura não nos oferece conceitos, mas experiências, não nos imerge apenas num texto, mas abre-nos ao encontro com o Verbo da vida, decisivo «para ensinar, persuadir, corrigir e formar segundo a justiça, de modo que o homem de Deus seja perfeito, bem preparado para todas as boas obras» (2Tm 3,16).

Como fundo, há uma grande luz: há quem veja um pôr do sol, evocando Lucas 24,29; nós preferimos ver o «sol nascente» (Lc 1,78) que, em Cristo ressuscitado, anuncia a aurora de uma nova missão destinada a todos os povos: «Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura.» (Mc 16,15)



**«Nós vos anunciamos
o que vimos»**

(1 Jo 1, 3)